

Povos Indigenas no Brasil

Fonte

A Crítica

Class.:

Org. Ind. Lideranças

Data

27.09.88

Pg.:

464

SERRA DA NEBLINA

Garimpeiros em apuros com pistas bloqueadas

Antes de se desencadear o processo de retirada dos garimpeiros da serra da Neblina, em terras compreendidas pela área indígena Maturacá e pelo parque nacional do Pico da Neblina, o superintendente da Funai, Celmo Alencar, e o representante do IBDF estiveram na região no último final de semana, reunindo com as comunidades indígenas Yanomami, com o objetivo de evitar conflitos com a saída dos invasores.

Segundo o superintendente da 5ª. SUER, os próprios índios estavam conscientes da retirada dos garimpeiros pela Funai e IBDF, tanto que os proibiram de utilizar a pista de pouso de Maturacá com aviões clandestinos. "Com isso, os próprios indígenas pretendem impedir o acesso por via aérea, e como foram as próprias lideranças que promoveram a entrada dos garimpeiros, pretendemos fazer a retirada destes sem problemas", salientou Celmo Alencar.

Funai-IBDF ajudam — Durante a visita à área da serra da Neblina, ficou constatado que os tuxauas Yanomami Daniel Góes e Joaquim

permitiram a entrada de 45 garimpeiros da região. No entanto, há mais de três meses ali já se encontravam 25 homens, que estão no Pico da Neblina e que não foram colocados pelos índios.

No encontro realizado no final da semana, constatou-se que os 45 novos garimpeiros estão se deslocando. Eles deram alguns mantimentos aos índios e os tuxauas Yanomami queriam que eles ficassem trabalhando na área por 90 dias, como forma de recompensar pelo suprimento que foi oferecido aos indígenas.

No entanto — explicou Celmo Alencar — procuramos mostrar aos líderes Yanomami que neste período poderia ser retirada razoável quantidade de ouro de suas terras. Por isso, acertamos que a Funai lhes ajudaria a restituir tudo aquilo que receberam dos garimpeiros, em termos de suprimento, para que eles impedissem o prosseguimento da invasão. Esta proposta foi bem recebida pelas lideranças indígenas.

Só depois da retirada — O superintendente da Funai não confir-

mou uma data para o início da retirada dos garimpeiros da área da serra da Neblina. "Primeiro, nós e o IBDF procuramos ver a situação de perto, conversar com as lideranças Yanomami que já estão conscientes de que os garimpeiros serão evacuados da área. Por isso, assumimos também o compromisso de ajudar os índios — disse Celmo Alencar.

O plano de retirada — disse ele — está preparado e pronto para ser acionado. Todavia, primeiro vamos procurar fortalecer a cantina com os mantimentos necessários, a fim de que os índios não fiquem dependendo do apoio e do suprimento dos garimpeiros, que, através desse tipo de auxílio, procuram envolvê-los para obter permissão para trabalhar em suas terras.

Tão logo consigamos suprir a cantina dos mantimentos necessários — completou Celmo Alencar — e os líderes indígenas tenham conseguido devolver tudo o que receberam dos garimpeiros, terá início a operação de retirada, que vai envolver, além da Funai e do IBDF, as polícias Federal e Civil.

Machado rebate denúncia de seqüestro

"Não tenho avião nem para dar assistência às comunidades indígenas sob minha responsabilidade, quanto mais para mandar seqüestrar a quem quer que seja", disse o administrador da Funai em São Gabriel da Cachoeira, Pedro Machado, refutando as denúncias feitas pelo presidente da União das Nações Indígenas, Manuel Moura, segundo as quais teria mandado seqüestrar na última quinta-feira o presidente da Associação de Taraquá, Orlando Matos, juntamente com os nativos José de Lima Ribeiro, Lúcia Fonseca e Olavo Monteiro.

Pedro Machado negou que tenha havido qualquer seqüestro de indígenas no alto rio Negro. Os líderes indígenas que viajaram a Manaus o fizeram a convite da própria Funai para tratar de assuntos de interesse de suas comunidades, principalmente no que diz respeito à demarcação de terras.

Manipulação — Na semana passada — lembrou Pedro Machado — fizemos uma reunião onde foi discutida a questão de demarcação das terras, esclarecendo as comunidades

sobre os tipos de demarcações de reservas que se faz no País.

Uma delas — prosseguiu — é a área denominada indígena para os índios isolados, que não têm nenhuma ligação com o mundo envolvente, que não conhecem o que é roupa, sal, querosene, fósforo e outros meios de vida moderna. A outra é a colônia indígena, área demarcada para os índios integrados ou em vias de integração, que já têm conhecimento da vida moderna.

Na opinião de Pedro Machado, Manuel Moura, Pedro Garcia e Orlando Melgueire não passam de testas-de-ferro do Conselho Indigenista Missionário — CIMI — e outras entidades que tentam manipular o índio, com a finalidade de jogar as comunidades indígenas contra o governo federal e a Funai.

Todos eles — afirmou — são subservientes, bajuladores e vivem de focos para criar uma situação de tensão no alto rio Negro. Aliás — denunciou o administrador da Funai em São Gabriel —, eles compraram

uma casa por Cz\$ 1.240.000,00 dizendo que era para os índios, mas na verdade quem mora no imóvel é Manuel Moura e sua família.

Esse grupo foi acusado por Machado de ter promovido uma reunião no último dia 18, com a participação de representantes da Igreja e do advogado Felisberto Damasceno, para fazerem acusações. "Eles não passam de sanguessugas, que usam o índio e falam em seu nome apenas para receber dinheiro clandestino do exterior. Com isso, procuram atrapalhar os trabalhos que realizamos na área, porque o CIMI não quer as áreas indígenas demarcadas", afirmou.

Estes elementos — completou — vivem atacando o governo ao se colocarem numa posição de defesa dos índios, mas na realidade não querem ajudar as comunidades indígenas. Atacam o governo, mas querem usar o transporte da Força Aérea Brasileira. Foi por isso que mandei vetar o embarque de alguns deles num avião da FAB e, agora, estão inventando esta conversa de seqüestro.